

*Justyna Wiśniewska*

Universidade Maria Curie-Skłodowska de Lub-  
lin, Polónia  
[justyna.wisniewska@mail.umcs.pl](mailto:justyna.wisniewska@mail.umcs.pl)

<https://orcid.org/0000-0002-1938-1702>

## OS ATOS DE FALA EXPRESSIVOS E DIRETIVOS NAS CARTAS FAMILIARES PORTUGUESAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

**Expressive and directive speech acts in Portuguese family letters from the first half of the 19<sup>th</sup> century**

### ABSTRACT

Family letters are written texts addressed from a sender to a clearly defined recipient. The texts in question have a dialogue structure which, as Kalkowska (1982: 6) notes, “should be treated as a set of speech acts”. Therefore, in this article, we analyse the corpus made up of Portuguese family letters written in the first half of the 19<sup>th</sup> century, with the aim of describing the means of voicing expressive and directive speech acts.

KEYWORDS: speech act, family letters, pragmatics, verbal politeness

### 1. INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Uma carta familiar de um remetente específico, dirigida a um destinatário claramente definido, é de facto o texto escrito de uma pessoa, mas tem uma estrutura dialogal<sup>2</sup> que, como constata Kalkowska (1982: 6) “deve ser tratada como um conjunto de atos de fala”. Sendo assim, por um lado, podemos considerar uma carta como um tipo de documento através do qual se manifestam as atitudes dos remetentes expressas por formas linguísticas, por outro lado, como refere Diaz (2002: 5), as cartas podem ser percebidas como um

<sup>1</sup> O presente estudo segue o Acordo Ortográfico de 1990; ainda assim, mantivemos a grafia original da bibliografia consultada, pelo que as citações estão conforme as fontes consultadas e citadas.

<sup>2</sup> De um ponto de vista pragmático e textual, seguindo de perto Adam (1998: 41), a carta é “une macro-unité”, ou seja, “le texte dialogal”.

conjunto de “dados bibliográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra”. Seguindo essas linhas de pensamento, a carta pode ser interpretada em termos de comunicação entre pessoas que ocorre em vários contextos: linguístico, cultural, social e situacional.

Pretendemos, no presente artigo, submeter à análise o *corpus* constituído por cartas familiares<sup>3</sup> escritas na primeira metade do século XIX<sup>4</sup>, tendo como objetivo descrever os meios de expressão dos atos de fala expressivos e diretivos. Para realizar o objetivo, abordaremos a questão dos atos de fala, tendo por base as categorias dos atos ilocutórios de Searle (1979: 13–14)<sup>5</sup> que os classifica em cinco grupos: atos assertivos, diretivos, compromissivos (ou comissivos), expressivos e declarações. O presente estudo tem carácter descritivo, dando a preferência a uma pesquisa de construções no *corpus* de exemplos recolhidos.

Podemos considerar as cartas como fontes, testemunhos escritos que podem servir para reconstituir os traços de fases passadas da língua e, no caso do presente estudo, trata-se dos traços como atos de fala estudados pela disciplina da Pragmática. As fases passadas ou aspetos históricos têm muita importância na evolução das línguas, pois cada forma delicada tem uma longa tradição, sendo o resultado da evolução dos costumes que ocorre durante os séculos. A título ilustrativo, apresentamos um exemplo conhecido comumente: reagimos ao espirro do nosso interlocutor com a expressão de desejo de saúde – *Santinho! / Saúde!* – o que é um costume introduzido pelo papa no século X.

Relativamente à estrutura, o presente estudo está organizado em cinco secções. A primeira é dedicada aos objetivos que nortearam a nossa pesquisa. Na segunda secção apresentamos, de maneira breve e sucinta, algumas considerações sobre o texto epistolar.

---

<sup>3</sup> Adam (1998: 47–51) refere os seguintes tipos de cartas, usando o termo *correspondência*: “correspondência íntima”, “correspondência socialmente distanciada”, “correspondência comercial”, “correspondência aberta”. Um dos critérios tomados em conta nesta classificação consiste no grau de parentesco entre participantes ou na relação hierárquica entre o remetente e o destinatário. Segundo o autor, a correspondência íntima envolve a carta familiar que é definida, exatamente, pelas relações entre os participantes. Podem ser relações muito próximas, amorosas até graus variados de relações familiares, incluindo também todos os graus de amizade. O segundo tipo das cartas é mais formal e envolve as relações pouco íntimas entre os participantes. O distanciamento entre os participantes é maior neste género do que no anterior. O que caracteriza as cartas comerciais é a formalidade e o distanciamento. O último género é descrito por Adam (1998: 50) como a carta que “joga com a designação-pretexo ou fingimento de um único interlocutor”. O verdadeiro destinatário da carta aberta é representado pela comunidade de leitores, a carta aberta apela a um público mais vasto.

<sup>4</sup> Centramo-nos na análise das cartas familiares do projeto *CARDS* – referência PTDC/LIN/64472/2006. O projeto *CARDS* consistiu nas cartas privadas portuguesas escritas antes do ano 1900, publicando-as de forma eletrónica. O *CARDS* teve continuidade, a partir do ano 2012, no projeto *P.S. Post Scriptum*. Para mais informações sobre o projeto ver: <https://www.clul.ulisboa.pt/projeto/cards-cartas-desconhecidas> (acesso em: 10.01.2024).

<sup>5</sup> A tipologia dos atos ilocutórios apresentada por Searle tem sido sistematizada por outros autores da área de estudos da Pragmática. A título de exemplo, citamos a proposta de Gouveia (1996: 392): “atos ilocutórios assertivos: relacionar o locutor com a verdade de algo, dizem como é a realidade; atos ilocutórios diretivos: tentar que o alocutário pratique uma acção; atos ilocutórios compromissivos: comprometer o locutor, relativamente, à prática de uma acção futura; atos ilocutórios expressivos: exprimir o estado psicológico, sentimentos e atitudes face ao mundo; declarações: fazer com que o universo em referência coincida com o conteúdo proposicional do enunciado, trazendo um novo estado-de-coisas à existência; declarações assertivas: trazer um novo estado-de-coisas à existência, por coincidência do universo em referência com o conteúdo proposicional do enunciado, relacionando o locutor com o valor de verdade desse conteúdo”.

A seguir, descrevemos o nosso *corpus* (secção 3) e efetuamos a própria análise (secção 4). Para terminar o estudo, fazemos uma recapitulação e avaliação dos resultados obtidos.

## 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CARTAS

De acordo com Lanson (1906 *apud* Adam 1998: 39), uma carta é “une conversation écrite avec une personne absente”. Daí, para Seara (2013: 311), a carta “funda-se numa ausência. A ausência converte-se assim na condição primeira da interação epistolar, ausência essa que cria um vazio (...), ausência que mantém a distância (...)”. Destas propostas, podemos ver que a carta existe, portanto, para preencher o vazio criado pela distância e é uma ferramenta com a qual se pode tornar presente, de forma imaginária, a ausência do Outro. O conceito de ausência é, igualmente, referido por Altman (1982) e Kaufmann (1990), entre outros. Citando ainda Kaufmann (1990: 25, 8), podemos ver que uma carta se torna “uma máquina de produção de distância”, ou seja, como diz o próprio autor, “uma carta parece favorecer a comunicação e a proximidade, mas na verdade desqualifica qualquer forma de participação e cria o distanciamento”. Aqui, outra vez surge o conceito do destinatário ausente, provando que o modelo conversacional da comunicação epistolar é provavelmente a área mais controversa da pesquisa contemporânea. A partir da proposta de Arrou-Vignod (1993: 20) citado *infra*, verifica-se que uma carta pode ser tratada como um tipo de texto que, independentemente de tudo, tem caráter autorreferencial e se dirige ao próprio autor do texto epistolar:

Lettres, cartes postales nous relient ainsi à la part la plus secrète de nous-mêmes: la souffrance du temps, l'absence, l'étonnement de l'absence, la mort qui vient. Deuils, naissances, faire-part, les jours passent. Nous vieillissons, nous étonnant chaque jour un peu plus de connaître que tout n'est que silence.

A propósito do que ficou exposto, acresce referir que Diaz (2002: 58) considera a característica do remetente se dirigir a si próprio como um processo de tornar o destinatário ausente. Para ilustrar o seu pensamento sobre a problemática em questão, Diaz (2002) utiliza uma metáfora de “excomunicação”, explicando que um destinatário “excomungado” é “retirado” do campo da consciência do remetente para que ele próprio possa “aparecer no palco epistolográfico”<sup>6</sup>.

Se nos centrarmos agora nos aspetos que definem as cartas, vários autores (Kałkowska 1982, entre outros) destacam as seguintes características: o seu caráter subjetivo e relacional. A subjetividade está presente em todos os aspetos do texto epistolar, ou seja, linguísticos, estilísticos etc. e em todas as suas dimensões literárias, psicológicas, históricas. A sua natureza relacional tem um alcance semelhante: é como uma mensagem dirigida a um destinatário, diz respeito a uma relação mútua e cria uma situação de comunicação específica. Uma carta é também um texto cultural, um todo composto especificamente,

---

<sup>6</sup> Diaz (2002: 49–62) defende também que a carta pode ser considerada em quatro formas principais: documento, texto, discurso, ação.

um todo que cria as suas próprias regras de comunicação interna. O último aspeto que pretendemos destacar é relacionado ao caráter situacional da carta. Assim sendo, a carta é escrita no espaço e tempo específicos que criam o seu contexto, é, portanto, uma reação atual e, ao mesmo tempo, momentânea à realidade externa e ao estado interno do sujeito. A questão de tempo é, igualmente, enunciada por Seara (2013: 312) que diz que “a condição da escrita epistolar é a sua relação com o tempo, a sua inscrição no momento, de modo a que toda a distância espaço-temporal seja abolida, numa espécie de busca de um presente permanente”.

No que concerne aos constituintes da estrutura da carta, Adam (1998: 41–42) enumera as cinco partes do plano do texto em questão: “on distinguera donc, très simplement, dans toute forme épistolaire, le plan de texto de base suivant: ouverture, exorde, corps de la lettre, péroration, clôture”. A representação diagramática ilustra o que atrás se explicita:

ouverture	exorde	corps de la lettre	péroration	clôture
termes d'adresse & indications de lieu et de temps				clausule & signature
[1]	[2]	[3]	[4]	[5]

**Esquema 1.** Constituintes da estrutura de uma carta (Adam 1998: 42)

Adam (1998) refere também que a carta, por um lado, integra as sequências fáticas que envolvem abertura e fecho e, por outro lado, as sequências transacionais que abrangem o corpo da carta, exórdio e peroração. Seara (2008: 3) destaca a importância do modelo em questão, afirmando que “retoma os implícitos da tradição retórica clássica e medieval”. Voltando à proposta de Adam, constatamos que o modelo proposto possibilita uma análise de diferentes níveis do texto e, particularmente, uma análise no âmbito da Pragmática Linguística.

### 3. SOBRE AS CARTAS FAMILIARES DO *CORPUS*

O *corpus* analisado é constituído por dezassete cartas que pertencem ao Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna<sup>7</sup>. Todas as cartas submetidas à análise foram escritas na primeira metade do século XIX, e mais precisamente entre 1817 e 1833. Nas cartas selecionadas onze dos remetentes pertencem ao sexo masculino, seis pertencem ao sexo feminino. No *corpus* proposto temos uma variedade multiforme de autores de profissões diferentes, p. ex. alfaiate, oficial de Marinha, marchante, soldado de cavalaria, caixeiro de mercearia, militar, desembargador e corregedor, ou seja, encontramos membros de origens sociais distintas. Cada uma dessas cartas constitui um conjunto de atos de fala composicionalmente formados, principalmente atos expressivos, diretivos e assertivos<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Disponível online em <http://ps.clul.ul.pt/index.php> (acesso em: 10.01.2024). A lista das cartas analisadas encontra-se em Anexo. Concentramo-nos apenas em atos expressivos e diretivos.

No que diz respeito à problemática das cartas, em termos muito gerais, observamos os seguintes temas: informações sobre o roubo, instruções sobre o preço de venda de um objeto, informações sobre as condições da estadia, queixas sobre o estado de coisas, preocupações pela vida de filhos, entre outros. A estrutura interna dos textos aqui discutidos, a seleção e uso de meios linguísticos e de algumas figuras estilísticas específicas são determinadas principalmente pelas convenções estilísticas da época, como também pelos fatores relacionados com a pragmática linguística, entre os quais podemos destacar as relações de uma certa proximidade entre os interlocutores. A grande maioria destas cartas são semelhantes, a nível de composição, tanto em termos da sua estrutura interna como dos tipos de atos ilocutórios e formas de tratamento. As diferenças estão relacionadas com o conteúdo, com informações atuais e com diversas circunstâncias que podem ter acompanhado situações em que as cartas foram escritas.

#### 4. ANÁLISE

Se nos centrarmos agora no próprio *corpus* de exemplos, verificamos que nas aberturas e fechos das cartas familiares em questão, ocorrem os termos afetivos e carinhosos que são características dos atos de fala expressivos, que Lima (2007: 105) define de maneira seguinte: “tipo de acto ilocutório pelo qual o falante exprime um estado de espírito ou atitude face a algo que vem expresso no conteúdo proposicional”.

Aproximando-nos dos exemplos infra – os adjetivos *querido* em (1) e (2) ou *rica* em (3), acompanhados por um nome de parentesco ou nome próprio, têm por objetivo expressar o carinho, a importância e o respeito com o qual o remetente trata o seu destinatário. Destaquem-se também as ocorrências dos pronomes possessivos, respetivamente, as formas masculina *meu* e feminina *minha* cujo uso denota a proximidade mútua dos interlocutores. Os elementos da abertura na maioria dos textos aqui analisados ocorrem nas formas que desempenham uma função vocativa, a qual, nas cartas em análise, serve para iniciar a comunicação. O vocativo coincide aqui com as formas de tratamento. Entre os exemplos do *corpus*, tal como evidenciado, encontramos os enunciados em que se reflete a atitude afetiva de um remetente perante o destinatário e, ao mesmo tempo, há ocorrências que identificam o destinatário. Essas ocorrências referem-se ao local de residência e/ou origem do destinatário. Os exemplos (1)–(5) são uma ilustração do que atrás se explicita:

- (1) Meu querido Joze (CARDS0020)
- (2) Meu querido Pai (CARDS0119)
- (3) Minha rica Filha (CARDS0281)
- (4) A Meu mano Joze Lopes Rua da Prata Prata (CARDS6093)
- (5) João, Santarém seis do corrente de mil oitocentos e vinte e hum (CARDS7030)

Relativamente ao fecho das cartas, podemos dizer que a estrutura delas, comparando com as anteriores, é mais diversificada. Também podemos destacar as fórmulas que enunciam os atos expressivos de espontaneidade afetiva de uso frequente neste tipo de cartas, p. ex. “do C” (*do coração*), os possessivos com o nome de parentesco ou um adjetivo, p. ex. “teo

lial”, que desempenham a função de modificador dos mesmos e mostram a importância da pessoa a quem se dirige a carta. Queríamos sublinhar também o uso bastante frequente, nas cartas em questão, da forma “desta tua Mai”, ou seja, uma combinação do pronome demonstrativo com o possessivo seguidos do nome de parentesco, que é muito comum em contextos informais. As fórmulas de despedida também são acompanhadas pelos atos de agradecer. No *corpus* de exemplos destaca-se uma expressão “obrigado”<sup>8</sup>. Apresentam-se, a título ilustrativo, os exemplos (6)–(11) que justificam o que atrás se expõe:

- (6) tua do C, Ana (CARDS5158)
- (7) teo lial J David (CARDS6312)
- (8) Teu mano leal amo A J Cabral (CARDS0106)
- (9) seita soudades das manas e desta tua Mai (CARDS0016)
- (10) sou seu Amo mto obrigado do Coração Felicio (CARDS0171)
- (11) amte May q mto te estima (CARDS6307)

Os agradecimentos ocorrem também ao longo do corpo das cartas. Para Searle (1979) agradecer é, simplesmente, exprimir gratidão. Portanto, o ato de agradecer manifesta o estado psicológico do locutor, demonstrando emoções e/ou sentimentos dele. Nas cartas em análise o ato de agradecer é realizado, na grande maioria, por meio de verbo ilocutório expressivo *agradecer*, o que evidenciam os exemplos (12)–(13):

- (12) teu Irmão e sua Molher, se te recomendão mto e ambos agradecem a tua Lembrança (CARDS6307)
- (13) Ma mer agradece o mimo do cesto que me fez favor de me mandar (CARDS8137)

Tanto as fórmulas que iniciam as cartas como as do fecho e todas as formas de tratamento que aparecem dentro de cada uma dessas cartas, além do seu papel estrutural e da convenção linguística adotada nas cartas, cumprem também outra função, isto é, expressam um grande respeito do remetente ao seu interlocutor. Podemos dizer que o remetente segue regras importantes para o fenómeno da delicadeza que foram elaboradas por Grice (1975): seja amigável, tenha respeito para com o seu interlocutor.

Entre os atos expressivos, encontramos os recursos de expressão de desejo. Destacam-se as frases optativas com o verbo *desejar* seguido de um sintagma nominal em função do complemento de objeto direto. É de sublinhar o uso frequente das fórmulas por meio das quais o remetente deseja saúde ao destinatário. Em algumas cartas, os remetentes usam as expressões que servem para desejar a proteção divina aos destinatários. A propósito destas duas constatações, vejam-se os exemplos (14)–(15):

- (14) Primo do C dezejote boa saude e os primos a qm me Recomdo (CARDS7116)
- (15) Ds te goarde Como dezejo (CARDS7116)

---

<sup>8</sup> Em Palrilha (2009: 39) podemos ler que a expressão *obrigado/a* é adjetivo verbal ou participio passado do verbo *obrigar* que varia em género (masculino ou feminino) de acordo com o sujeito a que se refere. A autora aponta também que há uma progressiva tendência pelo uso uniforme de *obrigado*.

Nas cartas familiares em análise ocorre também o ato de pedido que parece ser de uso frequente entre os atos diretivos encontrados no *corpus* de exemplos. Os atos ilocutórios diretivos de pedido são formulados pelo locutor com vista a que o interlocutor realize uma ação. Tal como destaca Lima (2006: 41), “não é possível que um locutor queira fazer um pedido e não saiba que um pedido é uma tentativa de levar o interlocutor a fazer uma ação”. A partir desta formulação, parece pertinente afirmar que o ato de pedido serve para impor ao interlocutor certas “obrigações”, mas o locutor sabe que o seu interlocutor vai realizar ou não o pedido dele. Nas cartas em questão, destacam-se os pedidos para fazer algo, ou pedidos de informação. Nos exemplos (16)–(20), citamos as construções que corroboram a nossa análise:

- (16) Rogote que deveras te metas neste negocio (CARDS7116)
- (17) acim lhe peso pello amor de deos que lhe escreva e o reprehenda o que lhe parecer os meus dezejos herão que VMce ca viesse ou que me mandasse dizer se eu podia hir a feira de Portalegre (CARDS6068)
- (18) rogo lhe que com brividade mo Mande copiar a fim de ser entregue a telles Jordão (CARDS0171)
- (19) pedelhe com grande fe q a te acuda pois nós cá fazemos o mesmo (CARDS0019)
- (20) acim lhe peso pello amor de deos que lhe escreva e o reprehenda o que lhe parecer (CARDS6068)

A partir destes exemplos, podemos ver que os pedidos foram formulados de forma direta, com frequência por meio dos verbos como *rogar* ou *pedir* no presente do indicativo. Tomando em consideração as relações próximas entre os participantes da situação descrita nas cartas, os enunciados diretos parecem ser usados de forma adequada ao contexto descrito. O exemplo (19) difere dos outros, o remetente recomenda ao seu destinatário para que este peça uma ajuda a Deus. Por outras palavras, o remetente pede para o destinatário efetuar uma prece a Deus.

Há também outras estratégias que acompanham o ato de pedido encontradas nas cartas, p. ex. fórmulas de justificação ou explicação (21) e as de agradecimento (22). Nas cartas podemos encontrar justificações muito concretas. A justificação preserva não só a autonomia a quem se dirige o pedido, mas também a perda da face de quem pede, no caso da eventual recusa<sup>9</sup>. Os exemplos seguintes ilustram esta constatação:

- (21) peçovos pello amor de Ds q se elle for para Lxa q vos não deis com elle porq no Fayál furtou hum pouco de taboado Rodeárão a cáza de soldos fugio pa o Pico chegou ao Pico furtou sinco pessos de pano (CARDS7057)
- (22) rogo lhe que com brividade mo Mande copiar a fim de ser entregue a telles Jordão, espero que o meu Tio me faça isto sou seu Amo mto obrigado do Coração Felicio (CARDS0171)

Retomando ainda os exemplos supra, observamos que em (21) e (22) a força ilocutória do pedido é reforçada pelos diferentes recursos linguísticos. O próprio verbo *rogar* é caracterizado por uma força ilocutória maior do que a do verbo *pedir*. Em (22)

<sup>9</sup> Baseando-nos na teoria das faces de Brown, Levinson (1987).

constrói-se uma situação de pedir com insistência a realização do que o remetente quer que seja feito. Outros recursos linguísticos destacados nas cartas que reforçam a força ilocutória e que vale a pena mencionar são o uso de certas expressões, p. ex. “pello amor de Ds” (*pelo amor de Deus*) (21), ou de modificadores adverbiais, p. ex. “mto” (*muito*) (22). Observe-se também o exemplo (23) em que o remetente emprega alguns recursos de delicadeza, como o performativo “Fara o Favor” que preserva a face da pessoa que pede alguma coisa ao seu destinatário:

(23) Minha tia Fara o Favor de me recomendar a sua sobrinha (CARDS0325)

Parece-nos que a estrutura acima destacada atenua e minimiza aspetos que possam ser considerados desagradáveis, decorrentes da formulação do pedido.

## 5. CONCLUSÃO

Fazendo um breve balanço, a partir de uma análise realizada de apenas alguns exemplos e de alguns atos de fala, importa assinalar que as cartas familiares apresentam uma grande riqueza de construções e enormes possibilidades para as futuras pesquisas. Pois, não se pretende, com o presente artigo, dar por terminado o estudo dos atos de fala aqui abordados. O nosso objetivo foi apenas o de analisar os recursos linguísticos de expressão dos atos de fala de uso mais frequente que ocorrem nas cartas familiares e evidenciar que, na maioria dos casos, ocorre a expressão dos mesmos de maneira direta. Mas há ainda muito para fazer, entre outros aspetos, estudar a frequência das ocorrências dos atos de fala descritos nas cartas familiares, verificar a ocorrência dos atos de fala nas partes que constituem cartas, verificar as diferenças entre as cartas escritas pelos representantes do sexo masculino e feminino, estudar as formas de tratamento e as fórmulas de cortesia para observar como se constrói a relação de proximidade, abordar também questões de ortografia e de simplificação que são características próprias de cartas desta época.

Em conclusão, como aponta Costa (2015: 62), “a escrita de cartas familiares parece ser marcada pelo peso das regras de género textual e pela ausência de espaço para a manifestação espontânea da subjetividade individual”. A análise efetuada dos atos de fala em questão prova que, independentemente das limitações decorrentes das especificidades da correspondência epistolar, nas cartas familiares da primeira metade do século XIX se evidenciam as fórmulas para expressar a proximidade emocional e criar uma aparência de contacto direto, por meio dos atos diretos. Os atos diretivos e expressivos dominaram a estrutura interna das cartas em destaque, reservando também o espaço para o conteúdo informativo. Transmitir as informações sugere manter o contacto – dois aspetos claramente visíveis nas cartas familiares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM Jean-Michel, 1998, *Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives*, (in:) *La lettre entre réel et fiction*, Jürgen Siess (ed.), Paris: SEDES, 37–53.
- ALTMAN Janet, 1982, *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus: Ohio State University Press.
- ARROU-VIGNOD Jean-Philippe, 1993, *Le discours des absents*, Paris: Éditions Gallimard.
- BROWN Penelope, LEVINSON Stephen, 1987, *Politeness. Some Universals in Language Usage*, Cambridge: Cambridge University Press.
- COSTA Luísa Ana, 2014, Estas duas regras: construção da referência em cartas, *Estudos Linguísticos* 10: 49–64. DIAZ Brigitte, 2002, *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade*, Paris: Presses Universitaires de France.
- GOUVEIA Carlos, 1996, *Pragmática*, (in:) *Introdução à linguística Geral e Portuguesa*, Isabel Hub Faria et al. (orgs.), Lisboa: Caminho, 383–419.
- GRICE Herbert Paul, 1975, *Logic and Conversation*, (in:) *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*, Peter Cole, Jerry L. Morgan (eds.), New York: Academic Press, 41–58.
- KAUFMANN Vincent, 1990, *L'Équivoque épistolaire*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- KALKOWSKA Anna, 1982, *Struktura składowa listu*, Wrocław: Zakład Narodowy im. Ossolińskich (Prace Instytutu Języka Polskiego, 47).
- LIMA José Pinto de, 2007, *O Essencial sobre Pragmática linguística*, Lisboa: Caminho.
- PALRILHA Silvéria Maria Ramos, 2009, *Contributos para análise dos atos ilocutórios expressivos em português*, dissertação de mestrado, Coimbra: Universidade de Coimbra, disponível em: [HTTP://WWW.UC.PT/UID/CELGA/RECURSOSONLINE/DISSERTACOES/DISSERTACOESDEMESTRADO/SILVERIAMARIARAMOSPALRILHA](http://www.uc.pt/UID/CELGA/RECURSOSONLINE/DISSERTACOES/DISSERTACOESDEMESTRADO/SILVERIAMARIARAMOSPALRILHA) (acesso em: 10.01.2024).
- SEARA Isabel Roboredo, 2008, *A palavra nómada. Contributos para o estudo do género epistolar*, texto apresentado no II Fórum de Partilha Linguística, disponível em: [HTTPS://WWW.RESEARCHGATE.NET/PUBLICATION/289127713\\_A\\_PALAVRA\\_NOMADA\\_CONTRIBUTOS\\_PARA\\_O\\_ESTUDO\\_DO\\_GENERO\\_epistolar](https://www.researchgate.net/publication/289127713_A_PALAVRA_NOMADA_CONTRIBUTOS_PARA_O_ESTUDO_DO_GENERO_epistolar) (acesso em: 16.01.2024).
- SEARA Isabel Roboredo, 2013, *Cartas entre amigos: abrigos cúmplices de caligrafia entrelaçadas*, (in:) *Da Letra ao Imaginário. Homenagem à Professora Irene Freire Nunes*, Helder Godinho et al. (orgs.), Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 311–327.
- SEARLE John R., 1979, *Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*, Cambridge: Cambridge University Press.

## ANEXO. LISTA DE CARTAS FAMILIARES ANALISADAS (COM ANO DA PRODUÇÃO)

Todas as cartas estão disponíveis online em: <http://ps.clul.ul.pt/index.php> (acesso em: 10.01.2024).

CARDS0020	(1827)	CARDS6068	(1823)	CARDS0119	(1831)
CARDS6312	(1827)	CARDS0019	(1827)	CARDS0281	(1817)
CARDS0106	(1822)	CARDS0016	(1827)	CARDS7057	(1823)
CARDS6093	(1820)	CARDS0171	(1833)	CARDS0325	(1830)
CARDS7030	(1821)	CARDS6307	(1829)	CARDS8137	(1828)
CARDS5158	(1818)	CARDS7116	(1818)		